

Tancredo previu que não cumpriria a sua missão

Trajetória política de mais de meio século mostra a diferença entre mineiridade e raposice

RUI FABIANO
Repórter Especial

Dias antes de sua eleição no Colégio Eleitoral, Tancredo Neves, fez um desabafo bastante significativo ao presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde. Tratou-se, como se constata agora, de uma premonição. Disse ele: "É curioso como jamais consigo concluir minhas missões na vida pública". E alinhou: "Fui escolhido ministro da Justiça de Getúlio em 1950, mas, com o seu suicídio, saí antes do fim do Governo. Em 1961, assumi a chefia do Gabinete Parlamentarista, mas renunciei menos de um ano depois, pois o Jango queria o presidencialismo de volta. Em 1978, tornei-me senador, mas abandonei o mandato pela metade para candidatar-me ao governo de Minas. Fundei o PP, mas tive de incorporá-lo ao PMDB para enfrentar os casuismos eleitorais do governo. E, no governo de Minas, fiquei apenas 17 meses, para candidatar-me à Presidência".

Após esse relato, a indagação: "Será que vou conseguir chegar ao fim dessa missão?" Dessa vez, porém, nem a iniciou. A conversa, relatada pelo próprio Austregésilo, revela uma visão amarga, não comum à personalidade dinâmica, cautelosa e de senso prático incomum de Tancredo. Foi, certamente, um de seus raros desabafos. Ele ao longo de sua carreira, exprimiu, como bem poucos, algo que se convencionou chamar de **mineiridade**, um código de posturas e valores — obviamente não escrito —, de que não constam, seguramente, revelações como aquela.

Afinal, o que é **mineiridade**? Há quem a confunda com **raposice**, o que, diga-se, os mineiros repelem. Tancredo a definia como uma disposição permanente para a conversa, a conciliação. **Raposice** seria a utilização dessa qualidade a serviço de espertezas menores. Ou a esperteza pela esperteza, sem um sentido construtivo. Tancredo repelia essa classificação. E com razão: sua trajetória na vida pública — de mais de meio século — comprova que ele jamais utilizou suas habilidades de negociador no sentido contrário de suas convicções. Enfrentou, por isso, momentos de ostracismo voluntário. Deixou o Governo Vargas, em 1954, para disputar um discreto mandato de deputado federal. Poderia compor-se com o sucessor de Getúlio, o vice Café Filho. Mas solidarizou-se com o getulismo, que via no vice um aliado da inimiga UDN.

O mesmo voltaria a ocorrer em 1964. Depois de ter sido chefe do primeiro Gabinete Parlamentarista de Jango — renunciando, por lealdade, para viabilizar a tese de retorno ao presidencialismo — e líder do Governo na Câmara, Tancredo foi dos raros pessedistas que recusaram uma composição com o regime militar. Enquanto Juscelino Kubitschek — que seria cassado meses depois — dispôs-se a votar em Castello Branco, levando consigo o resto do partido, Tancredo recusou o seu voto. E fez questão de justificar esse gesto: estava éticamente impossibilitado de agir de outro modo, uma vez que tinha sido nada menos que líder do presidente deposto. A seguir, mergulhou em espessa obscuridade, dela só emergindo dez anos depois, como líder do MDB na Câmara.

Essa intransigência com seus princípios e convicções, entretanto, jamais o colocou em posição de inflexibilidade. Nunca negou-se a conversar com quem quer que fosse. Sem apoiar o regime militar, jamais o afrontou. Nos momentos críticos, em que o choque parecia inevitável, coube-lhe desempenhar o

papel de algodão entre os cristais, intermediando negociações que resultavam em avanços, ainda que sutis, imperceptíveis mesmo.

Essa circunstância acabou por torná-lo estuário de conflitos aparentemente excludentes. Quem poderia imaginar, um ano atrás, que a frustração oposicionista pela derrota das diretas já poderia somar-se à frustração situacionista diante do crescimento do malufismo? Pois Tancredo — com habilidade, firmeza e todo o peso de seu passado limpo (o que, em política, no Brasil, não é pouco) — transformou essas frustrações no combustível da Aliança Democrática. O resultado é conhecido.

DESTINAÇÃO HISTÓRICA

Não se pense, porém, que Tancredo tornou-se casualmente o estuário dos anseios da maioria. Pode-se dizer, com segurança, que ele previu esse destino com larga antecedência. Preparou-se mesmo para a missão. Em 1954, se Vargas não se suicidasse, ele seria um dos postulantes à sua sucessão. Se não houvesse o golpe de 1964, o sucessor de Jango, provavelmente, seria Juscelino, que o colocaria em posição de relevo, credenciando-o a disputar sua sucessão. Esses revezes, porém, aprofundaram sua experiência e aumentaram sua visão aguda do quadro político brasileiro.

A radicalização do regime militar — que, ao longo dos anos, foi tendo contra si toda a opinião pública — chegou a uma situação-limite: ou resultava numa guerra civil ou numa transição negociada. Obviamente, que todos preferiam a segunda opção. Mas o surgimento, no primeiro plano da cena política, do deputado Paulo Maluf — que o regime repebia, mas não podia crucificá-lo, por ser a sua expressão civil mais completa — facilitaria as coisas. Diante da evidência de que ele seria eleito — já que as diretas não passavam no Congresso —, os peemedebistas mais intransigentes na rejeição ao Colégio Eleitoral — como Ulysses Guimarães — resolveram, enfim, assumir uma postura pragmática. Mais que isso: abrir mão de postulações pessoais. Os malufistas não temiam Ulysses, Franco Montoro, Aureliano Chaves ou quem quer que fosse. Temiam apenas Tancredo. Mas tinham certeza de que ele — cauteloso, experiente — jamais abriria mão de seu mandato de governador para correr riscos. Ai, quebraram a cara.

Se Tancredo fosse uma raposa política, a raposice o aconselharia a cruzar os braços. A **mineiridade**, porém — que, segundo ele, é a sabedoria a serviço de uma causa —, o empurrou em sentido contrário. Dias antes de renunciar ao Governo de Minas, ele confidenciou ao assustado Hélio Garcia: "Não posso fugir a essa convocação. Se perder, tudo bem. O Rui Barbosa também perdeu e, hoje, ninguém se lembra de quem ganhou". Ele referia-se à Campanha Civilista (1909-1910), que, embora derrotada pelo marechal Hermes da Fonseca, mudaria, com a pregação de Rui Barbosa, o quadro político do País.

Tancredo costumava repetir uma frase com que Afonso Arinos o saudou, quando tornou-se membro da Academia Mineira de Letras: "O mineiro ou é um Tiradentes ou um Joaquim Silvério dos Reis". No seu caso específico, não faltou sequer o suplício final, a imolação da própria vida pela causa pública. Foi o exemplo mais categórico de que **mineiridade** nada tem a ver com esperteza. E, entre ambas, há um abismo tão grande quanto o que separa o sábio do sabido.

